

A Revista do Museu Paulista no tempo em que Affonso Taunay foi o seu diretor¹

The Revista do Museu Paulista at the time when Affonso Taunay was its director

JAMES ROBERTO SILVA

Universidade Federal do Amazonas | UFAM

RESUMO Neste artigo, trato da criação, do funcionamento e do conteúdo da *Revista do Museu Paulista*, com especial atenção dada ao período da gestão de Affonso Taunay à frente do Museu Paulista entre 1917 e 1945. A revista surge pela primeira vez em 1897, dedicada à história natural, quando o diretor da instituição era o zoólogo alemão Hermann von Ihering. A partir de 1917, Affonso Taunay assume a administração do Museu, permanecendo até 1945, período em que a publicação passa a se dedicar também aos temas históricos.

Palavras-chave *Revista do Museu Paulista* – Affonso Taunay – periodismo científico – museus.

ABSTRACT This article describes the creation, functioning, and contents of *Revista do Museu Paulista*, a scientific periodical published by the eponymous institution, with particular attention to the period when Affonso Taunay was director of the Museu Paulista. The journal starts in 1897 as a review of natural history subjects, during the administration of the German zoologist Hermann von Ihering. After 1917, and until 1945, with Affonso Taunay as director of the museum, the periodical also devotes its pages to historical themes.

Keywords *Revista do Museu Paulista* – Affonso de Taunay – scientific periodicals – museums.

Em 1897, aparece impresso o primeiro volume da *Revista do Museu Paulista*, referente ao ano de 1895, após dois anos de iniciadas as atividades do museu de mesmo nome². Ela praticamente surge em suas dimensões definitivas, *in-octavo*, trazendo na página de rosto o título, o número do volume, uma gravura representando o edifício do Museu – substituída por uma estampa fotográfica nos volumes XII, XIX, XX e XXI –, o ano a que se referia a publicação e o nome do estabelecimento gráfico onde foi impressa.

Segundo aquele que foi o primeiro diretor da instituição, Hermann von Ihering, também responsável pela criação da *Revista*³, esperava-se que a nova publicação cumprisse o propósito de divulgar trabalhos realizados por pesquisadores do Museu Paulista e ocupasse um lugar no cenário das publicações científicas, como soia acontecer com instituições desse tipo mundo afora.

Em seu balanço da atividade do Museu, exposto no segundo volume da publicação, Ihering manifesta seu desejo de que a *Revista do Museu Paulista* seja “de utilidade para todos que se interessam pela exploração científica do país”,

fazendo questão de ressaltar que “esta publicação não é órgão de instrução popular, mas o arquivo dos resultados obtidos na exploração científica do Brasil pelo pessoal científico desta repartição e pelos numerosos especialistas que para os seus estudos recebem materiais coligidos pelos empregados desta repartição.”⁴

Como diria, anos mais tarde, Sérgio Buarque de Holanda, ao se tornar diretor do Museu, “a *Revista* espelhou a princípio o caráter eclético que por esse tempo dominava as atividades do estabelecimento”, trazendo artigos relacionados a zoologia, botânica, paleontologia, História do Brasil, arqueologia, etc.⁵

O propósito expresso por Lhering se via representado nas páginas da *Revista* sobretudo por meio dos artigos de zoologia, especialidade do diretor do Museu. Durante o período em que a instituição foi ganhando seus contornos – de funcionamento, de orientação museológica, formação das coleções –, o ambiente governamental paulista pouca pressão exercia sobre ela, cujo potencial de incorporação de projetos políticos não era nitidamente vislumbrado.

A conjuntura política de então, determinava que, no Museu, contanto que se atendesse à finalidade da instrução (como parte da estrutura de educação), deveriam conviver a História Pátria e a História Natural⁶. Percebido como promotor do conhecimento, da ilustração dos espíritos, o museu passava a encarnar a tarefa de educar para civilizar a nação, que, nos tempos da monarquia, não alcançara patamares satisfatórios de civilização; tal seria o programa republicano daquele momento, cujo representante estava corporificado no então secretário do Interior, Cesário Motta⁷, durante a gestão do governador Bernardino de Campos, encerrada em 1896. Nesses tempos, a instituição deveria se apresentar como um respeitável museu de ciências, denotando o avanço intelectual e o progresso material do estado de São Paulo. Quando Campos Sales sucedeu a Bernardino de Campos no governo, o Museu já estava instalado e a orientação persistiu a mesma.

Essa orientação dada ao funcionamento da instituição será projetada na *Revista do Museu Paulista*. Uma vez que importava ressaltar os aspectos científicos da coleção do Museu, por se tratar de artigo valorizado internacionalmente, por constituir índice de adiantamento cultural, von Lhering, tendo a zoologia por especialidade, imprimirá na publicação da instituição esse mesmo traço – malgrado as ciências naturais viessem, desde há alguns anos, perdendo em importância para as ciências de laboratório⁸. A inegável preponderância de trabalhos publicados voltados para a área de sua expertise é bem representada pela proporção com que aparece ao longo dessa primeira gestão. Do total de artigos (108⁹) publicados sob a direção de Lhering (nove volumes, 1895-1914), 72% tocavam o campo da zoologia; artigos etnográficos responderam por 10%; os de botânica, por 4,6%, e os de paleontologia, por 3,7%. Os de história e arqueologia responderam, cada um, por 2,7% e os que tratavam de museus, por 2%. Os trabalhos de geologia e pré-história corresponderam, cada um, a 1%.

Colaborou muito para a preponderância dos trabalhos acerca do reino animal o fato de o zoólogo Hermann von Lhering ter sido responsável por 44,5% dos artigos. Hermann von Lhering, na verdade muito eclético, escreveu 48 artigos científicos (descontados relatórios, biografias, necrológios e bibliografias), que versavam desde sobre as aves brasileiras até sobre os índios do Estado de São Paulo. Seu filho, Rodolpho von Lhering, a partir do volume V (1902), teve publicados 16 trabalhos científicos, ou 15% do total (descontados 1 relatório, 1 biografia e 2 bibliografias), em sua maioria sobre entomologia. Juntos, pai e filho colaboraram com 64 artigos científicos, quase 60% do total. Houve números da *Revista do Museu Paulista* praticamente compostos pelos trabalhos dos dois, como os de 1895, 1897, 1907 e 1914¹⁰.

Desde o seu início, a *Revista* se constituiu como um domínio editorial da concepção científica de seu responsável. Mas, veremos que, a despeito da mudança de direção do Museu, os contornos aparentes do periódico não se alteraram. Com Affonso d’Escragnoille Taunay, as diferenças, perceptíveis, encontrar-se-iam em aspectos menos evidentes mas não menos importantes.

Verifica-se que a proporção e o teor dos artigos publicados não se modificou muito sob a administração de Taunay. Entre 1918 e 1937, em 15 volumes impressos e dentre os cerca de 190 trabalhos vindos à luz (média de 12,6 artigos por edição), 69% pertenciam ao ramo da zoologia (contração de apenas 2% em relação à tomada do período 1895-1914); 14%, à Antropologia; 6%, à Botânica; 1,6%, à Geologia; e 1%, à Arqueologia.

QUADRO 1 – Artigos publicados por área do conhecimento – períodos Ihering e Taunay

Período	Zool.	Botân.	Geol.	Antrop.	Hist.	Pré-história	Relatos-viagem	Arqueologia	Paleontologia	Museus	Total**
1895-1914	78 (72%)	5 (4,6%)	1 (1%)	11 (10%)	3 (2,7%)	1 (1%)	–	3 (2,7%)	4 (3,7%)	2 (2%)	108
1918-1937*	126 (69%)	11 (6%)	3 (1,6%)	26 (14%)	6 (3,2%)	1 (0,5%)	7 (4%)	2 (1%)	–	1 (0,5%)	183

(*) Não obtivemos os dados para os volumes XXII-XXIII de 1938.

(**) Corresponde apenas a artigos científicos; desconsidera biografias, necrológios, relatórios e textos sobre temas diversos.

Os estudos em zoologia continuaram a constituir ampla maioria dentre os assuntos tratados na *Revista*. A esperada mudança, isto é, a pluralidade de temas – que também contemplariam a arqueologia paulista e a biologia, como preconizou Affonso Taunay, na “Advertência” que abre o volume X de 1918¹¹, o primeiro sob sua direção –, não se confirmou. Os estudos em zoologia, de cuja predominância reclamava o diretor recém empossado (RMP, X, 1918, p.VIII), continuaram prevalecendo, e bastante, sobre os demais campos, e a *Revista do Museu Paulista*, afinal, permaneceu um espaço especialmente dedicado à expressão científica nacional e, eventualmente, estrangeira. A alegoria histórica do bandeirantismo, que veio a dominar a orientação do Museu Paulista, seria empreendida em terreno alheio ao do periódico.

Por outro lado, durante a administração de Taunay, um número muito maior de cientistas passou a colaborar com trabalhos para a *Revista do Museu Paulista*. Affonso Taunay sempre fez questão de demonstrar que possuía trânsito nos meios científicos do Brasil e do estrangeiro. Por vezes, ressaltava seus próprios esforços movidos para obter contribuições de cientistas eminentes e para atingir as cerca de 600 páginas por volume da *Revista*¹². Para isto, costumava fazer uso do prefácio, que sempre precedia o sumário da *Revista* – o que não deixava de ser um modo de se fazer lido. Ao assumir a direção da instituição, Taunay logo expressa sua preocupação em

*demonstrar ao público, em geral, e sobretudo aos institutos do universo (...), que a vida científica do Museu Paulista recomeçara. Assim recorremos a quantos naturalistas e cultores em destaque de ciências biológicas no Brasil conhecíamos, solicitando-lhes o amparo para o novo número em elaboração.*¹³

Nesse mesmo prefácio, Taunay vai prosseguir listando as contribuições e o modo como as obteve, de cientistas do Brasil e de fora, para compor o décimo tomo da *Revista*. Algumas dessas contribuições vieram de Adolpho Ducke, entomólogo do Museu Paraense, do zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro e do “conservador de antiguidades orientais” Alberto Childe, ambos do Museu Nacional, do helmintólogo Lauro Travassos, do Instituto de Manguinhos, e do médico Geraldo H. de Paula Souza, professor da Faculdade de Medicina de São Paulo, e de João Florêncio Gomes, herpetólogo do Instituto Butantã. Vai, assim, mostrando a rede de cientistas a que tivera acesso¹⁴.

Mas não só de pesquisadores externos ao Museu se compunha a autoria dos artigos da *Revista*. Taunay envolveu especialmente o pessoal da casa, de responsáveis por seções a seus assistentes, fazendo publicar numerosos trabalhos de Frederico C. Hoehne e, principalmente, de H. Luederwaldt, respectivamente, botânico e entomólogo do Museu Paulista. Mesmo o seu bibliotecário e tradutor, o Sr. Andrea Dó, algumas vezes esteve responsável pelo balanço bibliográfico do ano da *Revista*¹⁵.

Auxílio de outro tipo, ele recebera, por exemplo, de Arthur Neiva – naquele momento, diretor do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo – de quem escutara conselhos, indicações e “sugestões de ótimas iniciativas” para a administração do Museu e a “aproximação de várias personalidades eminentes entre homens de laboratório do Brasil e do exterior”¹⁶. Sua rede de relacionamentos – assim queria ele demonstrar – compensaria o fato de Affonso Taunay ser, até então, “alheio à esfera dos museus (...) “terreno novo e desconhecido” para ele quando foi nomeado diretor em comissão do Museu por Altino Arantes, então presidente do estado de São Paulo¹⁷.

Das contribuições científicas que recebeu e dos apoios técnicos e gráficos dados à *Revista* (de seus prefácios, sempre constaram menções de gratidão aos dirigentes dos estabelecimentos tipográficos onde se imprimia a publicação, especialmente as oficinas do Diário Oficial), Taunay nunca descuroou. Ao mesmo tempo em que lhes dirigia seus agradecimentos, frisava o apreço que os colaboradores da *Revista* tinham para com o Museu, exprimindo sua “grande satisfação de receber de todos os lados adesões as mais desvanecedoras e comprobatórias de uma simpatia sobremodo honrosa”¹⁸ ou adjetivando de modo bem particular os cientistas que lhe confiavam a publicação de seus artigos: Mello Leitão foi o “colaborador assíduo de nossa revista”¹⁹, Júlio Conceição, o “generoso amigo do Museu”²⁰, Henrique Jorge Hurley era “nome consagrado de nossa etnografia amazônica e dedicado colaborador da Revista”²¹, Carlos d’Almeida Braga, “outro colaborador valioso (e) distinto numismata”²² e Alípio de Miranda Ribeiro, um “ilustre zoólogo brasileiro”²³.

Esse tratamento exposto nos prefácios, os quais abriam cada tomo da *Revista do Museu Paulista*, revestia preocupações diversas. Uma delas era a de registrar o alcance de sua influência nos meios acadêmicos, especialmente o nacional, com isto também cativando os estudiosos brasileiros para o terreno editorial que estava sob seu domínio. De resto, nesta relação de troca, Taunay precisava de um corpo de colaboradores regular e suficiente para dar cabo a um volume da *Revista* a cada ano e com o ambicionado número de 600 páginas por tomo. A apreensão para com a regularidade da *Revista* apresentou-se como constante durante toda sua gestão. A periodicidade foi, tanto quanto possível, mantida, apesar de todos os percalços por que passou a *Revista*: a crônica rarefação das verbas destinadas ao Museu²⁴, o que se prolongou desde a antiga gestão; as dificuldades advindas com a irrupção da Primeira Guerra Mundial – que, até 1918, ainda prejudicava a devolução de materiais emprestados ao Museu por naturalistas estrangeiros, especialmente de instituições européias²⁵; os constantes problemas de impressão, ora pela alta de preço dos materiais de impressão, ora por deficiências das oficinas tipográficas, ora pela renovação de maquinário, ora pelo lento trabalho de montagem dos tipos nas matrizes. Até um “inquérito administrativo”, realizado em 1915 e 1916, para apurar supostas irregularidades – depois confirmadas²⁶ – da administração de Ihering teria repercutido negativamente para a regularidade do periódico nos anos sob a direção de Taunay.

18

Dois momentos mais significativos, que abalaram a regularidade da *Revista* – um de interrupção, outro de intermitência mais dilatada –, foram registrados enquanto Taunay foi seu diretor. Ao longo dos anos de 1918 a 1922 (tomos X a XIII), a publicação manteve periodicidade quase anual. Mas, após três anos de ausência²⁷, um próximo número só viria a público em 1926 (tomo XIV), a partir de quando os tomos de XV a XVIII aparecerão em frequência bianual (1927-1934). Finalmente, daí por diante, até 1938, quando saem os últimos números tendo Taunay à frente da direção do Museu, a publicação recuperará a periodicidade anual.

Durante essas lacunas, a *Revista* deixava de chegar a diversas instituições onde, normalmente, podia ser encontrada, tais como as repartições subordinadas à Secretaria da Agricultura: Comissão Geográfica e Geológica, Posto Zootécnico, Hospedaria dos Imigrantes, Agência de Colonização e Trabalho, Instituto Agrônomico, Escola Agrícola Luís de Queiroz e Aprendizado Agrícola – além de outras como a Sociedade de Medicina e Cirurgia e o Museu Nacional²⁸. Ou deixava a descoberto as instituições com cujas publicações mantinha permuta – e eram várias, em todas as partes.

Somada à preocupação por manter a regularidade, havia a de angariar reconhecimento para a *Revista*, procurando elevar, quando não, preservar a qualidade científica da publicação por meio da concorrência de respeitáveis nomes da ciência nacional e internacional. A rede de relações que Taunay procurou tecer proporcionou-lhe os elementos para mostrar serviço para o governo do Estado e, em imediato, para o então secretário dos negócios do Interior, por quem fora indicado ao cargo, Oscar Rodrigues Alves, posteriormente, governador do estado. Garantir um fluxo de verbas para o Museu era, junto com o círculo de colaboradores, determinante para a manutenção da publicação do Museu²⁹. Se nos primeiros vinte anos, que se estenderam de 1895 a 1914, foram publicados, sob a direção de Hermann von Ihering, nove volumes³⁰, ou um a cada 27 meses, sob a administração de Taunay, que se prolongou por 28 anos (1917-1945), foram publicados 15 volumes³¹. Mas considerando-se apenas o período de 21 anos de atividade editorial efetiva, isto é, 1918 a 1938³², resulta a média de um número publicado a cada 17 meses. De 1895 a 1938, são estes, ano a ano, os números que lhes correspondem: Volume I, 1895; v.II, 1897; v.III, 1898; v.IV, 1900; v.V, 1902; v.VI, 1904; v.VII, 1907; v.VIII, 1911; v.IX, 1914; tomo X, 1918; t.XI, 1919; t.XII, 1920; t.XIII, 1923; t.XIV, 1926; t.XV, 1927; t.XVI, 1929; t.XVII

(parte 1), 1931; t.XVII (parte 2), 1932; t.XVIII, 1934; t.XIX, 1935; t.XX, 1936; t.XXI, 1937; t.XXII-XXIII, 1938. O Quadro 2 apresenta sinteticamente as informações editoriais.

QUADRO 2 – Volumes da *Revista do Museu Paulista* com indicação do número de páginas por revista e por administração: vol. I-IX, administração de Hermann von Ihering; vol. X-XXIII, administração Affonso d’Escragnolle Taunay.

Volume - Ano	Número de Páginas	Total de Páginas
I, 1895	251	5014 ⁺
II, 1897	494	
III, 1898	567	
IV, 1900	600	
V, 1902	755	
VI, 1904	677	
VII, 1907	536/555 ⁺	
VIII, 1911	582	
IX, 1914	533	
X, 1918	1003	11.191 ⁺
XI, 1919	847/928 ^{**}	
XII, 1920	879/923 ^{**}	
XIII, 1922	1313	
XIV, 1926	675/767 ^{**}	
XV, 1927	1046	
XVI, 1929	1011-	
XVII, 1931 (1 ^a parte)	466-	
XVII, 1932 (2 ^a parte)	943-	
XVIII, 1934	370-	
XIX, 1935	594	
XX, 1936	765-	
XXI, 1937	1062	
XXII-XXIII, 1938	- [§]	

(⁺) A primeira cifra corresponde apenas às páginas referentes aos artigos; a segunda cifra inclui a lista de periódicos recebidos.

(^{**}) Total de páginas apenas com artigos / total de páginas incluindo relatórios.

(⁺) Cálculo de páginas considerando-se, para alguns volumes (e.g. 466-), apenas a página em que tem início o último artigo da Revista; nele não estão computadas as páginas dos tomos XXII-XXIII.

([§]) não temos o número de páginas para esses dois últimos tomos da Revista; contudo, pela média dos tomos XIV-XXI (1926-1937, 9 v., 6932 p.), descontados os relatórios, estimamos 770 páginas para cada um, o que elevaria o total de páginas sob a diretoria de Taunay para 12.731.

Obs.: o traço em seguida do numeral (e.g. 466-, 943-, 370-, etc.) indica a página inicial do último artigo da Revista.

“É o nosso intento publicar maior número de volumes com menor número de páginas”, afirmava Taunay à p. III do tomo XI de 1919. Ele lembra que, entre 1895 e 1914, a média fora de 558 páginas por volume publicado. Em outras palavras, menos de 300 páginas por ano. Seu fito, doravante, seria o de regularizar a publicação e, como já lembrado acima, de levar à luz, anualmente, volumes da *Revista* com 600 páginas³³.

Taunay conseguiria, na verdade, publicar tomos da *Revista* com uma quantidade muito maior de páginas. As explicações para isso podiam variar. Era recorrente ouvir de Taunay que a extrapolação do número de páginas da revista se devia à grande quantidade de trabalhos submetidos ao órgão, que se acumulavam na redação³⁴, resultado

da elevada estima que parte significativa da comunidade científica brasileira tinha para com a *Revista*. Mas há outras possibilidades de entendimento para o fenômeno: o próprio Affonso Taunay, muitas vezes, colaborava com textos, sobretudo necrológicos, o que espessava bastante a *Revista*. Somado a isto, muitos dos trabalhos publicados eram da lavra de funcionários do Museu, isto é, eram resultado de um estímulo ou de uma pressão internos à instituição, cuja produção Taunay tinha o forte propósito de fazer desaguar no seu órgão de divulgação científica³⁵. Além disso, certas condições favoráveis eram postas à disposição: um número significativo de trabalhos era realizado com material de estudo fornecido pelo Museu a pesquisadores que se dispusessem a freqüentar suas instalações. Trabalhos inteiros podiam ser desenvolvidos no interior do Museu. Quando não, cedendo seu material para pesquisadores de outras instituições. Foi o caso do artigo de abertura do volume XI, de 1919, de autoria de Julius Melzer, entomólogo, especialista em coleopterologia, que escreveu “Os longicorneos brasileiros da sub-família Prioninae”. Trata-se, no dizer de Taunay, de “um trabalho do Museu Paulista, realizado em grande parte nos nossos laboratórios e na nossa biblioteca.”³⁶ Como este, muitos outros trabalhos transitaram pelas páginas da *Revista*.

As contribuições da pena de Taunay, no entanto, não eram fruto, propriamente, de estudos desenvolvidos no Museu ou com material a ele pertencente. Taunay, enquanto foi seu diretor, publicou quinze artigos, das quais onze eram necrológicos – em geral, referentes a antigos colaboradores da *Revista* ou a funcionários do Museu. Dos outros quatro artigos, um consistia na biografia de um naturalista, dois eram exposições bibliográficas e um tratava-se de um ensaio de 137 páginas sobre “Monstros e monstregos do Brasil”³⁷, por onde passava em revista parte da literatura de viajantes e naturalistas, dos séculos XVII e XVIII, no tocante às suas impressões e descrições a respeito da fauna brasileira³⁸.

De efetivo, o que se tem é a expressiva cifra de cerca de 12.500 páginas para 15 tomos da *Revista*, publicadas ao longo de 21 anos (1918-1938). Isto representa a média de 833 páginas por número, o que corresponde a 595 páginas por ano – muito próximo da marca desejada por Taunay.

A aparente vitalidade que os números conferem à *Revista* não escondem dificuldades de outra ordem que seu diretor dizia enfrentar. Taunay, que desejava para a *Revista do Museu Paulista* o papel de difusor nacional das idéias científicas, lançou, repetidas vezes, nos prefácios de vários volumes, sua queixas relativas à impossibilidade de “ilustrar a nossa *Revista* profusa e brilhantemente” por causa da “extraordinária carestia das contribuições das artes gráficas.”³⁹ Pode-se tomar isto como indício das restrições de orçamento por que passava sua administração do Museu. Apesar de fazer queixas semelhantes⁴⁰, Ihering, quando responsável pela *Revista*, carregou-a de ilustrações, em pranchas com qualidades de papel e impressão variáveis mas quase sempre presentes.

Ainda assim, dos tomos editados por Taunay, houve aqueles que contaram com expressiva quantidade de gravuras, como acontece no de número XX, de 1936, especialmente no artigo de Oliverio Pinto sobre os pássaros de Goiás⁴¹. São 11 clichês fotográficos que ilustram a expedição do ornitólogo, expondo desde aves e macacos abatidos até parte das instalações em que cientista e “comitiva” ficaram alojados.

A título de se desculpar, repetidas vezes, perante os leitores, da ausência de ilustrações, Taunay deixou revelar-se certo artifício de sua escrita. Um pouco dos meandros do ofício fica manifesto na reutilização de partes de textos, se não por razões de pragmatismo estilístico, talvez para economizar com as matrizes tipográficas – “estas despesas (pesavam) fortemente sobre as dotações do Museu.”⁴²

Em muitas ocasiões, o texto escrito por Taunay continha trechos que se repetiam, às vezes, em mais de dois volumes. Numa dessas ocasiões, eis o que encontramos:

No Prefácio do tomo XI, Taunay escreveu:

*Desejávamos muito poder ilustrar a nossa Revista profusa e brilhantemente, mas não nos foi possível ainda desta vez fazê-lo pela extraordinária carestia das contribuições das artes gráficas.*⁴³

E no Prefácio do volume seguinte, escreveu:

*Embora já esteja bastante melhorada a parte ilustrada dos nossos textos, muito longe se acha ainda do que esperávamos **venha** a ser. Não nos foi possível mais fazer dada a **extraordinária carestia das contribuições das artes gráficas** no momento atual.*⁴⁴

Aqui, Taunay repetiu as expressões “não nos foi possível” e “extraordinária carestia das contribuições das artes gráficas” já contidas no tomo precedente.

No Relatório referente ao ano de 1920, publicado no volume XIII, de 1922, Taunay reproduz todo o parágrafo em que explica a defasagem de ilustrações, mas com uma sutil diferença: substitui “venha” por “viesse”:

*Embora já esteja bastante melhorada a parte ilustrada dos nossos textos, muito longe se acha ainda do que esperávamos **viesse** a ser. Não nos foi possível mais fazer dada a **extraordinária carestia das contribuições das artes gráficas** no momento atual.*⁴⁵

As outras partes por nós grifadas correspondem àquelas que comparecem nos três números da *Revista*. A reprodução integral e quase idêntica do trecho denota o caráter protocolar de certas tarefas. O último trecho aqui reproduzido constou do Relatório que periodicamente preparava para dirigir ao secretário da pasta à qual o Museu estava subordinado, a dos Negócios do Interior. Descartamos a possibilidade de creditar as repetições a alguma iniciativa do tipógrafo que montou as matrizes, a fim de reduzir seu trabalho⁴⁶, pois o fenômeno se repetirá em outras modalidades como veremos a seguir. Antes, isto se apresenta como traço da atividade de Taunay como diretor da instituição no tocante à forma de lidar com aspectos ordinários da administração. Este, do constrangimento em empenhar os recursos desejáveis para cobrir as despesas, insistentemente vultosas, de impressão de figuras, tornara-se tema recorrente nos prefácios da *Revista*.

De outras sutilezas, Taunay fará emprego no mesmo Relatório, referente ao ano de 1920, sempre reaproveitando partes do Prefácio do tomo XII. Três exemplos, muito longe de serem exaustivos, aparecem abaixo:

21

*Um artigo do nosso **prezado** colaborador **dr.** Alberto Childe, publicado no tomo X da nossa Revista, inspirou ao **Snr.** Frederico Sommer **erudito amante** dos estudos de glotologia comparada, uma série de **deduções interessantes** no seu Conceito de metal nos nomes próprios dos povos e países.*⁴⁷

*Um artigo do nosso **brilhante** colaborador **Dr.** Alberto Childe, publicado no tomo X da nossa Revista, inspirou ao **Sr.** Frederico Sommer, **dedicado amante** dos estudos de glotologia comparada, uma série de **deduções assaz interessantes** no seu Conceito de metal nos nomes próprios dos povos e países.*⁴⁸

Vê-se que o “colaborador” Dr. Alberto Childe, entre o prefácio de 1920 e o relatório só publicado dois anos depois, ascende de “prezado” a “brilhante” e que o Sr. Frederico Sommer perde o título de “erudito amante” para se tornar um “dedicado amante” dos estudos de glotologia⁴⁹. Essas pequenas mudanças, promovidas ao retomar e revisar os textos, soam como prerrogativa de quem ocupa posição que pode promover ou não um nome, adular um colaborador ou mantê-lo sob expectativa.

Noutros casos, as alterações em trechos que se mantiveram praticamente intocados sugerem, se não o encontro do adjetivo mais adequado, a revisão do que melhor se aplica como designação profissional:

*O **Snr.** Curt Schrottky tem nome feito como **himenopterólogo** e sólida reputação de **entomólogo**.*⁵⁰

*O **Sr.** Curt Schrottky tem nome feito como **himenopterólogo** e sólida reputação de **especialista**.*⁵¹

No caso seguinte e, aqui, derradeiro, Taunay reelabora mais o texto, suprimindo um trecho. Mesmo assim vai escrever aproveitando a estrutura que criara para o número anterior da *Revista* reduzindo a quantidade de palavras.

Ao **Snr. Prof. Adolpho Hempel** devemos quatro trabalhos valiosos. Em dois, estuda **as pragas importantes do milho e do arroz no Estado de S. Paulo, problemas de grande relevância**; em um terceiro, assinala as coccidas que ameaçam a nossa pomicultura, e, no quarto, revela a existência de nada menos de quatorze formas novas, para a **Ciência**, de coccidas, especialidade em que alcançou a mais alta autoridade.⁵²

Ao **Sr. Professor Adolpho Hempel** devemos quatro trabalhos valiosos. Em dois, estuda pragas da nossa pomicultura, no terceiro e no quarto revela a existência de nada menos de quatorze formas novas, para a **ciência**, de coccidas, especialidade em que alcançou a mais alta autoridade, **como ninguém ignora**.⁵³

Todo o trecho em destaque (“importantes do milho e do arroz no Estado de S. Paulo, problemas de grande relevância”) foi suprimido por Taunay ao reproduzir, no Relatório endereçado ao secretário do Interior, o conteúdo originalmente destinado a sintetizar o teor de alguns artigos científicos. Nesta última ocasião, pareceu também a Taunay que haveria algum benefício em salientar a notoriedade de seu colega Adolpho Hempel, assinalando, desta vez, que se tratava de uma “autoridade, *como ninguém ignora*”.

Ninguém ignorava que o professor da Escola Politécnica, Affonso Taunay, sabendo de sua incumbência de preparar o Museu para o centenário da Independência, contava com que houvesse apoio por parte do governo a que representava para a implantação dessa proposta⁵⁴. Contudo, ele terá dificuldades – que não suplantarão –, para levar a público o próprio número comemorativo (o “Tomo do Centenário”, como o queria chamar) na ocasião propícia, isto é, “exatamente na gloriosa efeméride de 7 de Setembro”⁵⁵. Sem estragar o clima de festa, Taunay deixa de expor no Prefácio qualquer indício de contrariedade com a Secretaria do Interior. Mas os relatórios, como peças constantes da *Revista*, colocavam a público a situação da instituição e, desta feita, desvelavam também o tipo de disposição que para com ela tinham os mandantes do estado. É sabido que, nas páginas dos relatórios, dados e notícias sobre o Museu tinham seu teor bastante mitigados. Isto fica perceptível nos trabalhos que realizaram Ana Maria Alencar Alves e Ana Cláudia Fonseca Brefe⁵⁶, resultantes do exame direto de rascunhos, bonecos, correspondências e notas constantes da documentação do Fundo Museu Paulista. Nestes, os atritos pessoais e os reverses por que passava a instituição aparecem de forma bem mais aguda. Ao contrário, apenas algumas advertências chegavam a ganhar as páginas da *Revista*, como aquela que vimos pouco acima.

Assim como a *Revista* era poupada de ser o terreno de conflagrações diretas envolvendo o diretor do Museu e os dirigentes políticos do estado, nela também não chegaram a constar debates científicos, que expusessem divergências ou que relatassem os lances de alguma controvérsia. Seu papel, como queria seu diretor, manteve-se o de se constituir numa referência nacional em assuntos de ciências naturais. Entendia ele que a *Revista do Museu Paulista* deveria ocupar e ocupava lugar destacado como divulgadora de conhecimentos em ciências naturais entre as publicações científicas brasileiras. Seus mais prováveis concorrentes eram o *Boletim do Museu Paraense* e os *Arquivos do Museu Nacional*. O primeiro se ocupava, quase estritamente, com os temas amazônicos, diluído nos vários campos das ciências naturais: arqueologia, etnologia, botânica, geografia, geologia, paleontologia e zoologia – com ênfase neste último: 44% dos artigos publicados ao longo de 62 anos. Aos *Arquivos*, interessavam, além destes, a fisiologia experimental⁵⁷. Mas o relevo incidia mesmo sobre a zoologia, que foi tema de 39% dos artigos que o Museu Nacional publicou entre 1876 e 1919 no seu periódico⁵⁸.

Nenhuma delas, no entanto, aproximou-se do vigor com que a *Revista do Museu Paulista* se pôs no cenário científico nacional. O *Boletim do Museu Paraense*, em 62 anos de atividade (1894-1956), trouxe a público, em média, 2,5 artigos por ano⁵⁹. Os *Arquivos do Museu Nacional*, em um período de 43 anos (1876-1919), publicou a média de 3 artigos por ano. A *Revista do Museu Paulista*, nos 20 anos que vão de 1918 a 1938, trouxe à luz, anualmente, 11 artigos em média.

Entende-se porque Taunay enxergava a *Revista do Museu Paulista* como veículo de divulgação científica por excelência, devotado a informar o interessado brasileiro nos assuntos em ciências naturais. Razão pela qual, assim dizia, publicava também seletas bibliográficas, acreditando “com isto prestar real serviço aos que, no nosso país, se ocupam de ciências naturais, sobretudo pelo fato de lhes apontarmos a existência de obras de que talvez não tivessem conhecimento, não fossem as nossas indicações”⁶⁰.

Mas a relativa hegemonia da *Revista do Museu Paulista*, pelo menos em território paulista, seria quebrada quando passou a dividir lugar com mais duas publicações nascidas no próprio estabelecimento. “A *Revista do Museu Paulista* não é mais o único órgão do nosso Instituto”, assim se exprime Taunay para apresentar, muito sumariamente, os dois novos periódicos que então são criados⁶¹. Para cada uma das duas novas secções em que se dividiu o Museu, uma nova revista: para a de História, os *Annaes do Museu Paulista*, e para a de Botânica, os *Archivos de Botânica do Estado de S. Paulo*. À seção de zoologia, continuaria dedicada a *Revista do Museu Paulista*.

Ao fazer esse anúncio, o tomo XV já se encontrava pronto, pois Taunay mandara adiantar sua preparação em razão do atraso que já prejudicava a edição precedente. A partir do tomo XVI (inclusive) em diante, o teor dos artigos deveria, portanto, mudar. Mas não muda. Ao contrário, as matérias etnográficas voltam com força, ao menos no tomo XVI: de 22 artigos participantes, apenas 9 eram de zoologia, enquanto 13 diziam respeito a antropologia, arqueologia e relatos de viagem. Do tomo XVII em diante, a zoologia será o campo mais contemplado, mas somente o tomo de número XIX (1935) conterà exclusivamente artigos dessa especialidade. Artigos de antropologia ainda apareceriam nos tomos XVII, XX e XXI.

Aproxima-se o ano de 1938, momento em que a *Revista do Museu Paulista* sofrerá sua maior descontinuidade para só retornar, modificada, anos depois. Naquele ano, vêm a público dois tomos da *Revista*, os de número XXII e XXIII, com os quais ela se verá encerrada nessa gestão, embora Affonso Taunay só deixe o cargo em 1945. Quando, em 1939, a seção de zoologia se desliga do Museu Paulista – doravante, um museu histórico *tout court* –, indo fazer parte do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, conta Sérgio Buarque de Holanda, “o nome da tradicional *Revista do Museu Paulista* passou a servir de subtítulo para os *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*”, condição que persistiu entre 1940 e 1942, a partir de quando, fica suspensa (1943-1946) para retornar, co-denominada de “Nova Série”, em 1947, como órgão dedicado essencialmente à Antropologia, continuando a existir até 1988⁶².

Notas e referências bibliográficas

James Roberto Silva é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: jamesroberto@hotmail.com.

- 1 A elaboração deste artigo contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas e suporte do Núcleo de Pesquisa em Políticas, Instituições e Práticas Sociais.
- 2 Para o ano de criação, de fundação ou de início de funcionamento do Museu Paulista, não há o que se poderia considerar um consenso. Para Ana Maria Alves, o ano dado como marco de início da existência do Museu é 1895; ver ALVES, A. M. Alencar. *O Ipiranga apropriado. Ciência, política e poder: o Museu Paulista, 1893-1922*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2001; para Ana Cláudia Brefe, o ano de 1895 é também o marco; ver BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945*. São Paulo, UNESP/Museu Paulista, 2005; para Simon Schwartzman, ora é o ano de 1894, ora o de 1895; ver SCHWARTZMAN, Simon. *Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil*. Brasília : MCT, Centro de Estudos Estratégicos, 2001; para os gestores do Museu Paulista durante o período que incluiu o ano de 2003, essa data é 1893, como sugere o volume comemorativo dos 110 anos do Museu Paulista, com o aparecimento da edição comemorativa dos *Anais do Museu Paulista*, em 2003; ver *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material: 110 Anos do Museu Paulista 1893-2003*. São Paulo, Museu Paulista, N. Série, vol. 10-11, n. 1, 2003; finalmente, para Ulpiano Meneses, o Museu Paulista foi criado em 1893 e aberto ao público em 1895; ver MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Museu Paulista. Estudos avançados*, v. 8, n. 22, p. 573-578, 1994.
- 3 Outros aspectos relativos à *Revista do Museu Paulista* sob a gestão de Herman von Ihering podem ser lidos em BITTENCOURT, V. L. N. *Revista do Museu Paulista e(m) capas: identidade e representação institucional em texto e imagem. Anais do Museu Paulista*. São Paulo. Nova Série, v. 2, n. 2, p. 149-184, jul.- dez. 2012.
- 4 IHERING, Hermann Von. O Museu Paulista no ano de 1896. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Museu Paulista, vol. II, p. 3-15, 1897.
- 5 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Revista do Museu Paulista. Revista do Museu Paulista*. Nova Série. Universidade de São Paulo, volume I, p. 9-10, 1947, p. 9.
- 6 ALVES, op. cit., p.82.
- 7 Idem, p. 76.
- 8 Idem, p. 145.
- 9 Não foram considerados, nem para cálculo de porcentagem, nem para o cômputo do número de artigos científicos, as biografias, os necrológicos e os relatórios dos diretores. Estes foram em número de 31: 3 biografias, 5 necrológicos, 8 relatórios e 15 artigos de temas diversos.
- 10 Respectivamente: *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, vol. I, 1895; vol. II, 1897; vol. VII, 1907; e vol. IX, 1914.

- 11 Taunay expressou nestas palavras seu programa: "Assumindo a redação da Revista, pretendemos modificar-lhe um pouco os moldes. Nela publicaremos, sem distinção especial, contribuições que se refiram não só a todas as ciências naturais como a biologia em geral e à arqueologia paulista." TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Advertência. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, tomo X, p. III-IX, 1918, p. VIII.
- 12 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Prefácio. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Tip. do Diário Oficial. Tomo XI, p. III-VII, 1919, p. III.
- 13 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Advertência. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, tomo X, p. III-IX, 1918, p. V.
- 14 Idem, p. V-VI.
- 15 Outros dos colaboradores da *Revista* internos ao Museu foram: Olivério Mário de Oliveira Pinto, assistente de zoologia; José Leonardo Lima, naturalista e taxidermista chefe do estabelecimento; Carlos Octaviano da Cunha Vieira, conservador; Carlos Amadeu de Camargo Andrade, naturalista conservador; João Lane, assistente da subseção de invertebrados; e Roberto Spitz, sub-assistente da seção de invertebrados.
- 16 TAUNAY, tomo X, 1918, op. cit., p. IV.
- 17 Idem, p. III-IV.
- 18 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Advertência. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, tomo X, p. III-IX, 1918, p. V.
- 19 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Prefácio. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Diário Oficial. Tomo XVI, p. III-VIII, 1929.
- 20 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Prefácio. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Imprensa Oficial. Tomo XVII, 2ª parte, p. V-VIII, 1932.
- 21 Idem.
- 22 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Prefácio. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado. Tomo XVIII, p. III-V, 1934.
- 23 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Prefácio. *Revista do Museu Paulista*. Universidade de São Paulo. Tomo XIX, p. V-VII, 1935.
- 24 ALVES, 2001, op. cit., pp. 132-133 e 145-148.
- 25 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Relatório do Museu Paulista referente ao ano de 1916. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, tomo X, p. 18-28, 1918, p.24.
- 26 Tais como o seqüestro de coleções de história natural e o desvio de livros da biblioteca do Museu para a sua particular (BREFFÉ, 2005, op. cit., p. 97).
- 27 A longa interrupção por três anos deveu-se, como Taunay salientou, aos "sinistros acontecimentos de julho de 1924" em SP, à "gravíssima crise de energia elétrica na capital paulista que perdurou longos e longos meses e, sobretudo, a enorme sobrecarga de serviços das oficinas do Diário Oficial, onde se imprime a Revista" (TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Prefácio. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Oficinas do Diário Oficial. Tomo XIV, p. III-VI, 1926, p.III). Os acontecimentos de julho de 1924, a que Taunay faz referência, são os relativos à segunda revolta tenentista, chamada de Revolta Paulista de 1924, que deflagrou um sério conflito armado durante o mês de julho daquele ano. A revolta era resultado do movimento de oficiais paulistas que, posteriormente a derrotas em solo bandeirante, foram ao encontro das hostes comandadas por Luís Carlos Prestes no sul do país. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp, 2000.
- 28 ALVES, 2001, op. cit., p. 132.
- 29 Publicações científicas constituíam um índice de adiantamento da nação e do estágio em que se encontrava o processo de firmamento das práticas científicas numa dada sociedade. Ver LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1997, p. 240.
- 30 Sob a administração Ihering, cada edição da *Revista* era tratada por volume; com Taunay, passa a ser tomo.
- 31 Considerando o tomo XVII, dividido em duas partes, relativas a 1931 e 1932 e os tomos 22 e 23 publicados ambos em 1938.
- 32 1918 é o ano de publicação da primeira edição da *Revista* por Taunay; em 1938, são lançados os dois derradeiros tomos sob sua direção. Até 1945, último ano da administração de Taunay, mais nenhum número saiu pelo Museu Paulista ou foi editado por ele. Nos anos de 1940, 1941 e 1942, a *Revista do Museu Paulista* figura como subtítulo de *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*, periódico publicado pela Secretaria de Agricultura, que traz numeração própria e também repete a da *Revista*: respectivamente, números 24, 25 e 26. A *Revista do Museu Paulista* reaparecerá, autônoma, acrescida dos dizeres "Nova Série" e com a numeração reiniciada, em 1947, na administração de Sérgio Buarque de Holanda, na direção do Museu desde o ano anterior.
- 33 TAUNAY, XI, 1919, op. cit., p. III.
- 34 "Apesar de havermos anunciado, no prefácio do tomo a este antecedente, que reduziríamos o número de páginas do presente volume a 760, sai ele com quase mil. Não nos foi possível deixar de lhe incorporar um número avultado de excelentes artigos e memórias, cujos originais recebêramos desde bastante tempo, sob pena de desatenção para com dedicados e eruditos colaboradores." (RMP, XII, 1920, p.III)
- 35 TAUNAY, X, 1918, op. cit., p. VIII.
- 36 TAUNAY, XI, 1919, op. cit., p. IV.
- 37 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Monstros e monstregos do Brasil. *Revista do Museu Paulista*. Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado. Tomo XXI, p. 911-1048, 1937.
- 38 Segundo ele próprio afirma no prefácio da *Revista*, esta monografia era a continuação de *Zoologia fantástica do Brasil*, já publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (RMP, XXI, 1937, p.VI).
- 39 TAUNAY, XI, 1919, op. cit., p. VI.
- 40 ALVES, 2001, op. cit., p. 145-147.
- 41 PINTO, Oliverio. Contribuição à ornitologia de Goiás: notas críticas sobre uma coleção de aves feita no sul do estado. *Revista do Museu Paulista*. Universidade de São Paulo. Tomo XX, p. 1-172, 20/jun/1936.
- 42 TAUNAY, XVI, 1929, op. cit., p. III.
- 43 TAUNAY, XI, 1919, op. cit., p. VI (grifos nossos).
- 44 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Prefácio. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Tip. do Diário Oficial. Tomo XII, p. III-VI, 1920, p.V-VI (grifos nossos).
- 45 TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Relatório referente ao ano de 1920 apresentado a 18 de janeiro de 1921 ao Exmo. Sr. Secretário do Interior, Dr. Alarico

- Silveira. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Oficinas do Diário Oficial. Tomo XIII, p. 1294-1313, Comemorativa do Primeiro Centenário da Independência Nacional, 1922, p.1301 (grifos nossos).
- 46 Muito embora o expediente pudesse estar relacionado à tentativa de reduzir os custos tipográficos, pelo fato de diminuir o trabalho de montagem das matrizes, medida compreensível numa época em que os tipos ainda eram dispostos um a um.
- 47 TAUNAY, XII, 1920, op. cit., p. V (grifos nossos).
- 48 TAUNAY, XIII, 1922, op. cit., p. 1301 (grifos nossos).
- 49 Estudo científico das línguas; o mesmo que glossologia. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Instituto Antônio Houaiss e Objetiva, 2001.
- 50 TAUNAY, XII, 1920, op. cit., p. IV (grifos nossos).
- 51 TAUNAY, XIII, 1922, op. cit., p. 1300 (grifos nossos).
- 52 AUNAY, XII, 1920, op. cit., p. IV (grifos nossos).
- 53 TAUNAY, XIII, 1922, op. cit., p. 1300 (grifos nossos).
- 54 ANHEZINI, Karina. Museu Paulista e trocas intelectuais na escrita da História de Afonso de Taunay. *Anais do Museu Paulista*. História e Cultura Material: 110 Anos do Museu Paulista 1893-2003. São Paulo, Museu Paulista, N. Série, vol.10-11, n.1, p.37-60, 2003, p. 38.
- 55 TAUNAY, XIII, 1922, op. cit., p. III.
- 56 ALVES, 2001, op. cit. e BREFE, 2005, op. cit.
- 57 LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1997, p. 241.
- 58 Idem.
- 59 Dados inferidos a partir do Índice dos Tomos 1-12 de 1894-1956, organizado por Clara Maria GALVÃO e publicado como número avulso do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, MPEG/CNPq/INPA, 1962.
- 60 TAUNAY, XI, 1919, op. cit., p. V.
- 61 TAUNAY, XIV, 1926, op. cit. p. V.
- 62 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Revista do Museu Paulista*. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série. Universidade de São Paulo, volume I, p. 9-10, 1947, p. 10.

[Artigo recebido em Maio de 2016. Aceito para publicação em Fevereiro de 2017.]